

Política

QUEIXA-CRIME DE BOLSONARO CONTRA LULA
PGR defende rejeição

Ex-presidente acionou STF contra sucessor por injúria e difamação em discurso



CABO DE GUERRA

Investigação da PF expõe divisão de forças no entorno de Bolsonaro sobre golpismo

MARIANA HUNZ
E FEMINILIDADE DANTAS
politic@globo.com.br

O avanço das investigações sobre uma suposta trama golpista no governo de Jair Bolsonaro evidenciou a atuação de duas forças distintas no entorno do então presidente no fim de seu mandato. De um lado, um grupo de assessores e militares é apontado pela Polícia Federal (PF) como responsável por incentivar e discutir formas de colocar em prática medidas que previam uma ruptura institucional após as eleições de 2022. Do outro, uma ala menos numerosa resistia às intenções antidemocráticas do ex-presidente.

Essa divisão foi exposta nos relatos dos ex-comandantes Marco Antônio Freire Gomes, do Exército, e Carlos de Almeida Baptista Júnior, da Aeronáutica, tomados públicos na última sexta-feira. Os dois militares disseram à PF fazer parte do segundo grupo, que demonstrou a Bolsonaro contrariedade em relação ao plano de reverter a vitória do presidente Lula nas urnas. Na versão apresentada por eles, o colega de farda Almir Garnier, ex-chefe da Marinha, engessou o coro daqueles que defendiam um suposto golpe ao colocar à disposição as suas tropas para uma medida antidemocrática. Garnier ficou em silêncio em seu depoimento.

Uma das peças-chave dessa investigação contra o resultado das eleições, segundo depoimentos e mensagens apreendidas pela PF, é o general da reserva Walter Braga Netto, ex-ministro da Defesa e que foi vice na chapa de Bolsonaro à reeleição em 2022. Investigadores apontam o militar de quatro estrelas como responsável por estimular ataques contra colegas da caserna que resistiam a uma ofensiva golpista. Em uma delas, proferiu xingamentos a Freire Gomes, a quem chamou de "tagão" após o ex-comandante do Exército se manifestar de forma contrária aos planos de Bolsonaro.

Braga Netto também é citado em depoimentos como quem intermediava os contatos do Palácio da Alvorada, onde Bolsonaro se refugiou após a derrota eleitoral, com manifestantes acampados em frente a quartéis do Exército.

VIBRAMENSA

Outro militar com destaque nas Forças Armadas e que, segundo as investigações, flertou com o golpismo, foi o general da reserva Augusto Heleno. Vídeo de uma reunião ministerial no Palácio do Planalto, em julho de 2022, mostra o então chefe do Gabinete de Segurança Institucional (GSI) afirmando que se "tiver que virar a mesa é antes das eleições" e que era necessário agir "contra determinadas instituições e contra determinadas pessoas".

Na lista de generais de alta patente sob suspeita está Paulo Sérgio Nogueira, que



Peça-chave. Ex-ministro da Defesa, Braga Netto é apontado pela Polícia Federal como central na trama golpista no entorno do então presidente Jair Bolsonaro

OS PERSONAGENS DA TRAMA GOLPISTA

Investigações mostram quem no entorno de Bolsonaro incentivou ou deu apoio às supostas iniciativas para um golpe no país



Almir Garnier
Ex-comandante da Marinha
Em reunião no Alvorada, chegou a colocar suas tropas à disposição para dar um golpe de Estado.



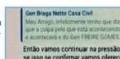
Mauro Cid
Ex-ajudante de ordens
Acusado de fomentar teorias golpistas, tinha no celular em sua posse uma cópia de uma carta de declaração de GLO e estado de sítio.



Anderson Torres
Ex-ministro da Justiça
Uma minuta golpista foi encontrada em sua casa e é acusado de dar fundamento jurídico ao plano.



Walter Braga Netto
Ex-ministro da Defesa
Acusado de estimular ataques contra militares que resistiam a uma ofensiva golpista e de intermediar contatos de Alvorada com acampados nos quartéis.



Paulo Sérgio Nogueira
Ex-ministro da Defesa
As investigações apontam participação em reuniões para discutir a anulação do resultado das eleições.



Augusto Heleno
Ex-ministro do GSI
Investigado por incentivar incitativas golpistas, aparece em vídeo de reunião ministerial em julho de 2022 defendendo "virar a mesa".



Filipe Martins
Ex-assessor especial da Presidência
Responsável pela elaboração de uma minuta golpista, segundo depoimentos colhidos pela PF. Martins faz parte do "núcleo jurídico", que ajudou o ex-presidente na fundamentação dos planos de golpe.



Marcelo Câmara
Ex-assessor especial da Presidência
É apontado como responsável por monitorar os passos do ministro Alexandre de Moraes, do STF. A minuta de escudo no Alvorada, segundo depoimentos, previa a prisão de Moraes.



Silvinei Vasques
Ex-diretor-geral da PF
Suspeito de fazer blitzes para dificultar o trânsito de eleitores de Lula no 2º turno das eleições.



Nércio Assunção Tomaz
Ex-assessor da Presidência
Teria auxiliado na produção, divulgação e amplificação de notícias falsas sobre as eleições.



Carla Zambelli
Deputada federal
O ex-comandante da Aeronáutica Carlos de Almeida Baptista Jr. disse que foi pressionado por ela a aderir ao golpe.

chefe do Exército e foi ministro da Defesa no governo passado. Segundo a PF, o militar teria manipulado o relatório da pasta sobre o sistema eleitoral, postergando a divulgação depois que não foram identificadas vulnerabilidades nas urnas eletrônicas.

A participação desses generais na suposta trama golpista só não é maior da exercida pelo tenente-coronel Mauro Cid, ex-ajudante de ordens de Bolsonaro que firmou um acordo de delação premiada, homologado pelo ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF). O militar fez tudo acompanhado os passos do ex-presidente, exercendo influência e municiando o ex-mandatário com "desinformação e ataques ao sistema eleitoral", segundo a PF.

O avanço das investigações aponta que o grupo que instigava um plano golpista era formado também por civis. O depoimento de Baptista Júnior, por exemplo, cita um suposto esforço da deputada Carla Zambelli (PL-SP) para convencê-lo a apoiar a quebra institucional. "Brigadeiro, o senhor não pode deixar o presidente Bolsonaro na mão", disse ela, segundo trecho do depoimento do militar à PF. Em nota, a defesa da deputada afirmou que "jamais anuiu, pediu ou solicitaria algo irregular, imoral ou ilícito".

Os depoimentos e indícios colhidos pela PF até o momento também indicam que duas alas inicialmente antagônicas no governo Bolsonaro, os militares e os chamados ideológicos, acabaram por se unir para levantar um suposto plano antidemocrático. Um dos auxiliares mais radicais do entorno do ex-presidente, o ex-assessor especial da Presidência Filipe Martins é apontado como responsável por

elaborar uma minuta de decreto golpista que, mais tarde, seria apresentada por Bolsonaro aos chefes militares, segundo o relato de Cid.

O jurista Miguel Reale Jr. entende que a reunião de diversos atores em torno da estratégia golpista de Bolsonaro teve a finalidade de atingir os objetivos do ex-presidente e que o ex-presidente não foi um "mero espectador" das tratativas golpistas.

Bolsonaro exigiu que se questionasse o resultado das urnas, queria intervir no TSE, criava comissão de revisão eleitoral, chefiada pelo Exército. Ordenava novas eleições.

Procuradas, as defesas de Bolsonaro, dos militares citados e de Martins não se manifestaram.

GRUPO OPOSITOR

Do outro lado da balança, a investigação indica que um grupo considerado mais legalista atuou no sentido contrário, evitando iniciativas que pudessem levar o país ao rompimento institucional. Freire Gomes, por exemplo, chegou a ameaçar Bolsonaro de prisão, caso o então presidente prosseguisse com o plano de golpe de Estado, segundo o relato de Baptista Júnior.

Quem também é citado pelo ex-chefe da Aeronáutica como voz contrária às intenções golpistas de Bolsonaro é o ex-ministro da Advocacia-Geral da República (AGU) Bruno Bianco. Baptista Júnior relatou que "Bolsonaro perguntou se a AGU se haveria algum ato que poderia fazer contra o resultado das eleições". A resposta de Bianco, segundo o Brigadeiro, foi que as eleições haviam "transcorrido de forma legal" e que "não haveria alternativa jurídica para contestar o resultado". A pessoas próximas, Bianco diz que foi procurado mais de uma vez pelo entorno do então presidente para consultas sobre as alternativas jurídicas, mas que sempre se pautou pela Constituição Federal.

Fora do foco das investigações, o ex-ministro da Casa Civil Ciro Nogueira é outro incluído na ala dos "moderados". Ele chegou a relatar, em entrevista ao GLOBO, episódio no qual convenceu Bolsonaro a desestimar o bloqueio de rodovias com o argumento de que pessoas começariam a morrer por falta de oxigênio nos hospitais — caminhoneiros protestavam contra o resultado da eleição. O apelo levou o presidente a liberá-lo a iniciar a transição de governo.

— O que fica claro é que Bolsonaro não seguiu em frente porque não conseguiu debater todas as instituições. Não conseguiu impor controle sobre o Judiciário, a política e, principalmente, sobre as Forças Armadas. Talvez parcial, mas não total. As instituições, ou pessoas dessas instituições, resistiram — afirmou o cientista político Carlos Melo, do Insper. (Colaboração Paula Serra)